

# Estudos Regionais

*As diversas regiões do Globo Terrestre, quando consideradas sob o enfoque geopolítico, ou seja das relações que os Estados têm com o meio a que pertencem, possuem características muito peculiares. Por isto, consideramos áreas como o Oriente Médio, a América do Sul, a Eurásia etc.*

*Por outro lado, a revolução ocasionada pela tecnologia da informação está contribuindo para a quebra de barreiras, culturais e históricas, de um passado até mesmo muito recente. Há uma tendência de adaptação a uma comunidade globalizada, apesar das diferenças marcantes que ainda persistem entre as diversas regiões e países.*

*O entendimento dos problemas regionais contribuirá para uma melhor aceitação dessas diferenças e, em conseqüência, para uma maior integração internacional. Além disto, serve como base para o planejamento político e o estabelecimento das estratégias resultantes.*

# A Ameaça Colombiana à Segurança Regional

Coronel (Res) William W. Mendel, Exército dos EUA

**O**S VIZINHOS andinos da Colômbia expressam suas preocupações sobre a expansão do conflito colombiano e a conseqüente ameaça aos seus territórios. Outrossim, desde que os EUA anunciaram o seu apoio ao Plano Colômbia<sup>1</sup>, citam esse país como progenitor de futuros problemas.

Os problemas da Colômbia estão realmente causando um impacto sobre seus vizinhos, mas é um exagero imaginar que a contribuição americana ao Plano Colômbia contribua para isso. Os conflitos da região são antigos e melhor entendidos em termos do crescente poder da narcoguerrilha. Portanto, é compreensível a precaução dos países vizinhos mais fracos em culpar diretamente as organizações criminosas poderosas, cujas fortunas continuam a ascender.

A Colômbia tem uma importância geoestratégica imensa para os EUA e para o resto da comunidade internacional. Devido à sua posição bi-ocênica, seu comércio continua a crescer por meio de rotas comerciais nortesul. O país é três vezes maior do que o estado de Montana, possui climas variados e zonas de crescimento que suportam uma farta indústria agrícola. A Cordilheira dos Andes é um fator que compartimenta a vida colombiana e que tem dado origem a múltiplos centros urbanos, também é motivo de um debate histórico federalista/anti-federalista e de uma correspondente falta da presença e influência do governo central em algumas áreas remotas.

Historicamente, muitas das remotas regiões da Colômbia têm interagido mais facilmente com centros de intercâmbio externos, tendo encontrado rotas comerciais com outros países de maior proveito do que as rotas internas de difícil acesso.<sup>2</sup> A reduzida dependência e aliança a Bogotá contribui para uma generalizada falta de entusiasmo por programas do governo central nessas áreas, especialmente quando contêm medidas puni-

tivas. A iniciativa dos EUA, relacionada com o Plano Colômbia, concentra-se na erradicação das plantações de coca no departamento fronteiriço e remoto do Putumayo, defronte à província equatoriana de Sucumbíos. O Plano está em andamento e grandes plantações de coca estão sendo destruídas.

## Apoio à Colômbia

A Colômbia tem sido um alvo da Guerra Fria para a expansão do comunismo internacional por óbvias razões estratégicas. A antiga União Soviética e Cuba apoiavam as insurreições com a intenção de espalhar a influência comunista pela região. Um dos dois grupos principais da guerrilha de esquerda, o Exército de Libertação Nacional (*Ejército de Liberación Nacional — ELN*) foi produto direto do socialismo internacional cubano. O perigo de um comunismo global pode ter passado, mas a Colômbia ainda enfrenta o *ELN* e a bem mais poderosa “Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia” (*Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colômbia — FARC*), que costumava ser apoiada pela antiga União Soviética. Ambos têm se transformado em grandes organizações comerciais, sempre à procura dos dólares do narcotráfico em combinação, ou em competição com, outros grupos criminosos. Juntos espalham o narcotráfico, o contrabando de armas, os seqüestros, a extorsão e as outras formas de pseudo-insurreição terrorista por toda a região.

Tendo em mente estas ameaças, os Estados Unidos estão em busca de importantes interesses no norte da América do Sul, incluindo a erradicação das drogas ilícitas, o fortalecimento da democracia e a promoção do progresso e da estabilidade política e econômica. O governo dos EUA salientou estes interesses com o pacote adicional de apoio, em julho de 2000, à Colômbia. Acrescentou \$729.3 milhões de dólares para assistência

militar e policial a programas já existentes para os anos 2000 e 2001, e mais \$311 milhões de dólares para a assistência econômica e social. A parcela para a assistência militar adestrará três batalhões cada um com 900 homens para estabelecerem o ambiente de segurança dentro do qual poderão operar as forças policiais em missões contra drogas. Outra parte da verba provê o apoio em aeronaves para a Polícia Nacional da Colômbia, a criação de um centro de inteligência conjunta, na base militar de *Tres Esquinas* no rio Caquetá, e o apoio às operações de interdição ar-terra-rio.<sup>3</sup>

Esta ajuda pretende apoiar uma estratégia mais ampla sob a qual o presidente Andrés Pastrana buscava \$7.5 bilhões de dólares em verbas, colombiana e estrangeira, para a segurança e assistência à nação. Isto foi chama-

---

***Quando a Guerra Fria terminou, e com ela o apoio em material por parte dos comunistas, muitos guerrilheiros abandonaram a ideologia comunista e se voltaram às drogas como fonte de renda. Os narco-guerrilheiros tornaram-se o principal pilar financeiro das FARC, rendendo-lhes aproximadamente \$500 milhões de dólares por ano — mais da metade de sua verba anual — ajudando-a a infiltrar-se e enfraquecer as instituições governamentais. Até mesmo o ex-presidente colombiano, Ernesto Samper, viu-se envolvido em um escândalo de corrupção quando foi descoberto que o dinheiro originário do narcotráfico era uma das principais fontes de financiamento de sua campanha para Presidente da República.***

---

do de “Plano Colômbia”. Mas agora este termo parece ser usado apenas com referência à ajuda dos EUA, especialmente a parte militar com enfoque no Putumayo.<sup>4</sup>

O ex-presidente dos EUA, William J. Clinton, oficialmente identificou todos os países fronteiriços com a Colômbia como sendo produtores de drogas ilícitas ou que são usados para o tráfico das drogas.<sup>5</sup> Em vista disto, uma verba suplementar dos EUA também vocaciona \$180 milhões de dólares para fortalecer os esforços regionais de interdição de drogas no Peru, Bolívia, Equador, Panamá e Brasil.<sup>6</sup> O tráfico de drogas é apenas um em uma série de problemas relacionados que a Colômbia tem em comum com seus vizinhos. As atividades de insurreição e terrorismo, do contrabando de

armas, da lavagem de dinheiro e do deslocamento de colombianos de suas moradias rurais, têm sido um dilema também para os países fronteiriços. Não é de hoje que a Colômbia tem sido usada como uma rota de trânsito para drogas e outros tipos de contrabando provenientes do Peru. Também, a Venezuela tem se tornado uma fonte e caminho natural para armas que entram na Colômbia.

## **A Guerra Fria Termina: A Colômbia Fratura**

Durante a Guerra Fria a insurreição era o principal assunto da segurança nacional. Cuba apoiava o *ELN* e a antiga União Soviética apoiava as *FARC*. O principal esforço do Exército era contra a insurreição e não contra narcóticos. A guerrilha tinha como alvo as áreas mais ricas da Colômbia, de onde podiam extorquir dinheiro dos principais produtores de gado, café, carvão, esmeraldas, petróleo e bananas. O apoio internacional, porém, lhes proporcionava material bélico, treinamento e santuário.

Quando a Guerra Fria terminou, e com ela o apoio em material por parte dos comunistas, muitos guerrilheiros abandonaram a ideologia comunista e se voltaram às drogas como fonte de renda. Os narco-guerrilheiros tornaram-se o principal pilar financeiro das *FARC*, rendendo-lhes aproximadamente \$500 milhões de dólares por ano — mais da metade de sua verba anual — ajudando-as a infiltrar e enfraquecer as instituições governamentais.<sup>7</sup> Até mesmo o ex-presidente colombiano, Ernesto Samper, viu-se envolvido em um escândalo de corrupção quando foi descoberto que o dinheiro originário do narcotráfico era uma das principais fontes de financiamento de sua campanha para Presidente da República.<sup>8</sup>

As companhias de segurança privadas e organizações paramilitares também apareceram durante a Guerra Fria. Os ricos proprietários de terra, as pequenas comunidades e as companhias de petróleo, reagiram à incapacidade do governo em prover segurança básica. Empregaram forças de segurança privada para proteger o povo e a propriedade e, com o tempo, os vários grupos paramilitares cresceram e começaram a se unir. Hoje, o grupo *Autodefensas Unidas de Colombia* — *AUC* — é a força principal de contenção, liderada pelo foragido Carlos Castaño.<sup>9</sup> Envolvida com o desvio de fundos do comércio de drogas a *AVC*, seguidamente, viola os direitos humanos, intimidando os camponeses a não prestarem apoio à guerrilha comunista.

Como resultado da insurreição, mais de 35.000 colombianos morreram durante a década de 90.<sup>10</sup> Perdas de capital e pessoas reduziram a habilidade colombiana para poder enfrentar a crise. Ao invés de mostrar a iniciativa de liderar a juventude da nação, muitos da elite colombiana optaram por se desculparem ou se mudarem para o exterior. Graduados do segundo grau não estão

isentos da luta. Enquanto a guerrilha aumentou para aproximadamente 20.000 integrantes e a *AUC* para 7.000, o Exército colombiano, com o efetivo de 121.000, é demasiado pequeno, e está estrategicamente imobilizado e mal equipado para enfrentar a ameaça de forma decisiva.<sup>11</sup>

Em julho de 1998, enquanto o Exército e as unidades da Polícia Nacional sofriam baixas contra a guerrilha, o presidente Pastrana voou para San Vicente del Caguán, no Departamento de Caquetá, para conversar com o chefe das *FARC*, Manuel Marulanda Velez. Marulanda exigiu que o governo acabasse com os paramilitares e que suas forças armadas e a polícia abandonassem uma área-chave de 42.000 quilômetros quadrados no sul da Colômbia, agora conhecida como o *despeje* (área liberada ou zona de retirada governamental). Ansioso para chegar a um acordo pacífico, Pastrana concordou e retirou a presença governamental de lá em novembro de 1998. Sob o enfoque militar, isso pode ter criado uma desvantagem estratégica para as Forças Armadas colombianas. Enquanto isto, as *FARC* lucraram com um santuário, obtendo mais uma posição de vantagem.

O *despeje* é essencialmente uma zona especial soberana das *FARC*, fazendo fronteira ao norte com a área de Sumapaz, uma difícil via de acesso pelas montanhas até Bogotá e cuja população apoia a guerrilha.<sup>12</sup> O *despeje* também incorpora as áreas do cultivo da coca, incluindo o Putumayo, ajudando ainda mais a restringir o acesso governamental às áreas de produção da droga. Além disto, a área permite ligação fluvial, a montante de seu limite, para a Colômbia pela Venezuela e pelo Brasil, e está a uma distância relativamente pequena da tríplice fronteira Colômbia, Equador e Peru. Com tudo isto, a guerrilha não tem cedido praticamente nada, tendo até aumentado o volume de seqüestros. Ela sempre confirma o seu objetivo de assumir o poder no país para torná-lo um estado socialista — pela força, caso necessário. A reação do governo Pastrana até agora tem sido de estender continuamente o prazo dado ao *despeje*. Na reunião de fevereiro de 2001 com o líder das *FARC*, Pastrana estendeu o *despeje*, que agora ele mesmo se refere como sendo a “zona das *FARC*”, por mais outros oito meses. O governo Pastrana também tem procurado uma maneira de conceder um *despeje* ao *ELN*, no nordeste de Barracambermeja, ao longo do rio Magdalena.

De seu *despeje*, a guerrilha tem engajado forças governamentais em combate convencional, tentando se apoderar de áreas estratégicas-chave. O *despeje*, e as áreas adjacentes ao sul incluindo Putumayo, têm se tornado o centro da indústria da cocaína. Até o início do Plano Colômbia, a coca era cultivada nessa área sem controle por parte do governo. A maior parte da cocaína distribuída no mundo é produzida na Colômbia, e mais de 90 por cento da cocaína consumida nos EUA é preparada, ou transita por esta região.<sup>13</sup>

A ajuda suplementar dos EUA apóia uma campanha

antidrogas principalmente de Putumayo. Erradicar a plantação da coca neste departamento reduziria a fonte de renda das *FARC*. Teoricamente, iria incentivá-las a manterem diálogos de paz com o governo. As *FARC* são o centro de gravidade da guerra de insurreição na Colômbia e o comércio da droga é uma importante fonte de recursos que pode ser atacada para se tirar vantagem. No final do ano 2000, o combate entre as *FARC* e as forças da *AUC* pelo controle do mais concentrado centro de produção de coca no Putumayo, pareceu favorecer estas últimas. Com destreza, Marulanda reduziu a intensidade do confronto entre o governo e as *FARC* e

---

***Historicamente, muitas das remotas regiões da Colômbia têm interagido mais facilmente com centros de intercâmbio externos, tendo encontrado rotas comerciais com outros países de maior proveito do que as rotas internas de difícil acesso. A reduzida dependência e aliança a Bogotá contribui para uma generalizada falta de entusiasmo por programas do governo central nessas áreas, especialmente quando contêm medidas punitivas. A iniciativa dos EUA, relacionada com o Plano Colômbia, concentra-se na erradicação das plantações de coca no departamento fronteiriço e remoto do Putumayo, defronte à província equatoriana de Sucumbíos.***

---

concentrou os ataques sobre seu inimigo mais eficiente, as *AUC*.

Por exemplo, o Advogado Geral da Colômbia, Alfonso Gomez Mendez tem procurado processar a liderança das *AUC* por seqüestros e assassinatos, enquanto Marulanda e Pastrana formam uma comissão nacional para estudar o problema do terrorismo das *AUC*. Logo após a reunião com Marulanda, Pastrana comentou: “Estamos preparados para discordar, mas Marulanda começa a perceber que faz parte do grande plano para a revolução social e que a parte militar do plano é focada sobre a erradicação da droga e na necessidade de fumigar as plantações de coca... uma vez que foi feita uma consulta às comunidades agrícolas locais”.<sup>14</sup> Ou, talvez, Marulanda tenha percebido que aviões do Plano Colômbia estavam fumigando e destruindo as plantações de coca que pertenciam às *AUC* e não sobrevoavam as áreas de segurança dentro do *despeje*.

## Linhas de Comunicações das FARC

Principais rotas para a troca comercial de drogas e armas  
Pista de aterrissagem de Barranco Mina utilizada para  
o intercâmbio de drogas e armas



**Marulanda [chefe das FARC] exigiu que o governo acabasse com os paramilitares e que suas forças armadas e a polícia abandonassem uma área chave de 42.000 quilômetros quadrados no sul da Colômbia, agora conhecida como o despeje (área liberada ou zona de retirada governamental). Desesperado para chegar a um acordo pacífico, Pastrana concordou e retirou a presença governamental de lá em novembro de 1998.**

O Plano Colômbia não é bem aceito pelos outros países sul-americanos, que o consideram uma ameaça à sua própria segurança e não como um plano eficaz para atacar o submundo. De fato, existem impactos sociais em potencial e os vizinhos prefeririam manter os problemas colombianos dentro da Colômbia. Além disso, os países sul-americanos e europeus preferem menosprezar o Plano Colômbia como uma criação americana e uma política de intervenção que ataca a soberania. O Plano provavelmente não receberá aderência internacional ou suficiente aporte de recursos para melhorar de forma significativa as condições na Colômbia.<sup>15</sup>

## O Impacto da Colômbia sobre seus Vizinhos

A maioria dos refugiados internos da Colômbia são famílias deslocadas pelo combate entre as forças beligerantes e subseqüentes atos de violações de direitos humanos. Exceto por cidadãos de “culturas fronteiriças”, que regularmente cruzam as fronteiras em busca de trabalho e atividades familiares, os colombianos em sua maioria, se deslocam em condições de pobreza para os arredores dos grandes centros urbanos do país — Bogotá, Medellín, Cali e Barranquilla. O bairro Soacha, no subúrbio de Bogotá, aumentou sua população de 300.000

para mais de um milhão nos últimos seis anos.<sup>16</sup> Em 1999, o prefeito de Cali, frustrado com os custos para manter os deslocados, anunciou que instalaria postos de controle ao longo das rodovias para identificá-los e fazê-los voltar.<sup>17</sup>

O Alto Comissariado para Refugiados da ONU estimou que o número de pessoas deslocadas internamente no país varia de 450.000 a 1,6 milhão. Uns 60 por cento das pessoas deslocadas recebem ajuda humanitária, principalmente das organizações não governamentais. Apesar de leis apropriadas, o governo colombiano tem agido lentamente para ajudar seus cidadãos deslocados.<sup>18</sup>

A emigração colombiana para os países vizinhos — principalmente para a Venezuela, o Equador e o Panamá — não equivale ao deslocamento interno. Mesmo assim, o fluxo de colombianos que têm abandonado o país para áreas vizinhas fronteiriças preocupa os governos, que prevêm que as operações do Plano Colômbia irão fomentar mais refugiados.<sup>19</sup> No entanto, a erradicação da coca no Putumayo, durante as primeiras semanas de fevereiro de 2001, não produziram uma onda de emigração significativa. A área do Putumayo nunca foi grande receptora nem fonte de emigrantes e é uma área de baixa densidade populacional.

Além da emigração, os efeitos em potencial derivados incluem o tráfico de drogas e de armas e as atividades dos paramilitares e da guerrilha. À primeira vista, o efeito do conflito colombiano sobre cada um dos seus vizinhos parece ser similar, mas as causas e reações variam de país para país. Cada um lida com ameaças, e a maneira como reagem tem feito a diferença. O Brasil e o Peru preferem usar meios diretos e decisivos contra as ameaças e têm tido melhores resultados do que a Colômbia. O Equador e o Panamá parecem hesitar, sujeitando-se às violações fronteiriças. Já o caso da Venezuela é de difícil julgamento devido ao seu dinâmico e caprichoso líder, Hugo Chávez.

**Venezuela: guerrilha, paramilitares e refugiados.** A fronteira entre a Colômbia e a Venezuela é dominada pelas FARC, pelo ELN e pelas unidades paramilitares que cruzam a fronteira para combaterem entre si, tirarem proveito da população de ambos países e levarem adiante o comércio de armas e drogas. Na fronteira da Colômbia, o Departamento do Norte de Santander é a principal área de plantação da coca (uma estimativa de 23.000 hectares cultivados) controlado pelas FARC.<sup>20</sup> Nos últimos anos, as forças paramilitares têm-se infiltrado na área para negarem às FARC o apoio da população.

Na prática, as FARC dependem dos trabalhadores locais para a produção da droga e o sustento de seus soldados. As forças paramilitares sabem disso e atacam não apenas a guerrilha mas também os civis, forçando os refugiados a cruzarem a fronteira. A preocupação do governo venezuelano com uma grande onda de refugia-

dos é evidenciada pela forma como lhes nega apoio. Ocasionalmente, ocorrem incidentes e as “pessoas colombianas deslocadas em trânsito” são forçadas a retornarem ao país. O Alto Comissariado para Refugiados da ONU diz que é política venezuelana repatriar refugiados, e que sua meta, portanto, é chegar a um acordo para que isto não se faça forçosamente, e que os refugiados tenham o direito de pedir asilo.<sup>21</sup>

Os grupos de seqüestro colombianos tornam a situação mais complexa por meio do rapto de fazendeiros venezuelanos, “vendendo-os” à guerrilha.<sup>22</sup> Nem as forças colombianas nem as venezuelanas conseguem deter os fora-da-lei. As *FARC* e o *ELN* têm-se envolvido ativamente no seqüestro e na extorsão de fazendeiros em ambos os lados da fronteira. A sua fuga, resultante da situação vigente, tem prejudicado a indústria de carne e de leite da Venezuela, permitindo o estabelecimento dos narcotraficantes na área. Em 1997, Aristides Moncada Padilla, um líder da “cooperativa dos fazendeiros” em um dos estados fronteiriços da Venezuela, declarou que “A Venezuela corre o perigo de perder sua soberania” na área fronteiriça.<sup>23</sup> Agora, até mesmo os funcionários do governo venezuelano admitem que a situação é crítica e o Plano Colômbia se tornou um conveniente alvo para suas reclamações. Chávez critica o Plano, assegurando que o aumento do apoio dos EUA às operações militares irá causar maior conflito entre as forças beligerantes na Colômbia, com o conseqüente aumento dos problemas na Venezuela.

A faixa lindeira Colômbia/Venezuela há muito apóia uma cultura fronteiriça na qual ambas as nacionalidades têm liberdade de movimento para cruzar a fronteira. No entanto, à medida em que vão avançando as conversações de paz entre as forças militares, paramilitares e a guerrilha colombianas, tem aumentado a emigração colombiana para as cidades venezuelanas. Por exemplo, Machiques, uma cidade venezuelana de 100.000 pessoas é aproximadamente 80 por cento colombiana.<sup>24</sup> Em junho de 1999, 3.500 colombianos cruzaram a fronteira depois de um ataque paramilitar contra o que se presume eram simpatizantes das *FARC*.<sup>25</sup> A Venezuela considera cada afluência de estrangeiros indesejáveis como uma ameaça à sua soberania.

Depois que um grupo de 30 colombianos cruzou a fronteira, em 24 de outubro de 2000, o então Ministro do Exterior, José Vicente Rangel — recentemente nomeado Ministro de Defesa — pediu ao governo colombiano que melhorasse a segurança na fronteira e culpou o Plano Colômbia pelo aumento da violência na área.<sup>26</sup> O fato de agora existirem da ordem de 1,5 milhão de colombianos na Venezuela reforça o ponto de vista de Rangel. Apesar de a política fronteiriça venezuelana parecer beneficiar a narcoguerrilha colombiana, forçando a volta dos fazendeiros às suas terras, considerável produção da droga tem sido

transferida à Venezuela. O Escritório dos EUA da Política Nacional do Controle de Drogas considera esse país uma fonte secundária. Mais de 100 toneladas métricas de cocaína deixam a Venezuela rumo aos EUA e à Europa, anualmente.<sup>27</sup> Muita da produção de coca

---

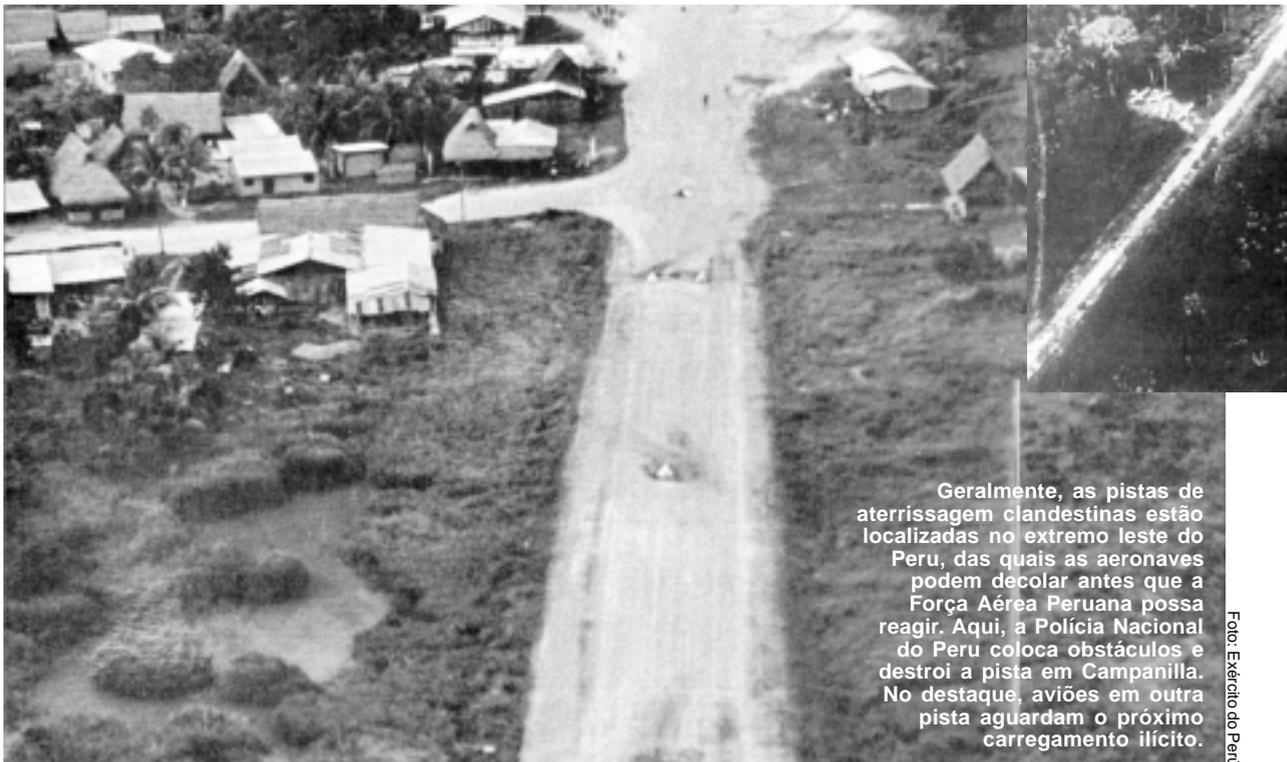
***Depois que um grupo de 30 colombianos cruzou a fronteira, em 24 de outubro de 2000, o então Ministro do Exterior, José Vicente Rangel — recentemente nomeado Ministro de Defesa — pediu ao governo colombiano que melhorasse a segurança na fronteira e culpou o Plano Colômbia pelo aumento da violência na área. O fato de agora existirem da ordem de 1,5 milhão de colombianos na Venezuela reforça o ponto de vista de Rangel. Apesar de a política fronteiriça venezuelana parecer beneficiar a narcoguerrilha colombiana, forçando a volta dos fazendeiros às suas terras, considerável produção da droga tem sido transferida à Venezuela. O Escritório dos EUA da Política Nacional do Controle de Drogas considera esse país uma fonte secundária. Mais de 100 toneladas métricas de cocaína deixam a Venezuela rumo aos EUA e à Europa, anualmente. Muita da produção de coca no despeje também passa pela Venezuela.***

---

no despeje também passa pela Venezuela. A 16ª Frente das *FARC* embarca produtos para o mercado europeu e estadunidense utilizando a bacia do rio Guaviare, na Colômbia, e do Orinoco, na Venezuela.<sup>28</sup>

Uma grande quantidade de contrabando também transita pela Venezuela, especialmente de armas. Durante toda a história colombiana de guerra interna, a Venezuela tem sido uma constante, se bem que nem sempre segura, via de transporte para armas e outros contrabandos. Descrevendo as operações contraguerrilha no norte da Colômbia, um coronel do Exército colombiano afirmou que “50 por cento das armas apreendidas têm marcas do Exército venezuelano.”<sup>29</sup>

**Brasil: defendendo a fronteira das incursões das *FARC*.** O Brasil tem os mesmos problemas fronteiriços que a Venezuela. Menos preocupado com os refugiados, o Brasil presta atenção ao tráfico de armas e drogas e às ocasionais incursões das *FARC*. Os brasileiros têm razão ao se preocuparem com os problemas internos da Colômbia. Os insurgentes colombianos e os narcotraficantes têm sido ativos nas regiões fronteiriças



Geralmente, as pistas de aterrissagem clandestinas estão localizadas no extremo leste do Peru, das quais as aeronaves podem decolar antes que a Força Aérea Peruana possa reagir. Aqui, a Polícia Nacional do Peru coloca obstáculos e destrói a pista em Campanilla. No destaque, aviões em outra pista aguardam o próximo carregamento ilícito.

Foto: Exército do Peru

***Pode-se até afirmar que não tem havido nenhum efeito colateral ao longo dessa linha fronteiriça — isto é, se a presença incontestada das FARC for ignorada. Mesmo assim, o conflito colombiano provocou um incidente envolvendo o tráfico de armas para as FARC que foi suficientemente sério para causar a queda do governo do Presidente Alberto Fujimori no ano 2000. . . . A Colômbia já não tem um papel principal no transporte de drogas do Peru. A maioria das rotas peruanas transportam as drogas por rotas fluviais ou aéreas, passando pelo Brasil, por via terrestre através do Equador e pelo mar utilizando o porto de Callao perto de Lima.***

do Brasil por muitos anos. As ameaças aos interesses brasileiros incluem o contrabando, desde o de armas até o de animais exóticos; os ataques diretos ao meio ambiente e à economia, por parte de madeireiras ilegais, garimpeiros, pescadores e caçadores; insurgentes colombianos e atividades do tráfico de drogas. Estas ameaças têm preocupado o governo brasileiro durante mais de uma década como documentado em um número bem relatado de eventos.

Em 1991, uma unidade guerrilheira das *FARC*, com 40 homens, atacou um destacamento de fronteira brasileiro, ao longo do rio Traíra. Três soldados foram mortos e nove ficaram feridos.<sup>30</sup> O ataque foi respondido por Forças Especiais brasileiras que contra-atacaram em território colombiano, matando sete guerrilheiros e recuperando armas e munições brasileiras.<sup>31</sup> Em setembro de 1996, unidades do Comando de Fronteira ficaram em alerta total devido aos relatos de que elementos das *FARC* havi-

am cruzado a fronteira perto de Tabatinga, a uns 400 km ao sul do incidente no rio Traíra. Cerca de 1.000 soldados se desdobraram na área de Tabatinga para vigiar a fronteira, e manter a segurança das instalações militares e do aeroporto.<sup>32</sup>

No dia 1 de novembro de 1998, em frente à região da “Cabeça do Cachorro”, no estado do Amazonas, 1.400 combatentes das *FARC* atacaram para subjugar Mitú, a capital provinciana do Departamento colombiano de Vaupés. Esta cidade serve de porto de transbordo para produtos químicos essenciais à produção da cocaína. Os produtos contrabandeados sobem o rio Vaupés desde o Brasil até as áreas de produção na Colômbia.<sup>33</sup> Para retirar as *FARC* de Mitú, 500 pára-quadistas do Exército colombiano foram aerotransportados para Querari, no Brasil (perto da fronteira e a 75 km a Leste de Mitú), e atacaram na direção Oeste para dentro de seu próprio país, recuperando Mitú no dia 4 de novembro. No com-

bate, foram relatados como mortos 150 combatentes colombianos, 07 civis e 05 guerrilheiros. As *FARC* tomaram entre 40 a 45 policiais prisioneiros.<sup>34</sup>

Mais uma vez, em 1999, a inteligência brasileira identificou o aeroporto de Querari como alvo das *FARC*. Acreditava-se que elas tencionavam negar o uso da pista às Forças Armadas colombianas durante um segundo ataque da guerrilha contra Mitú. Antecipando-se às *FARC*, no final de outubro, uma unidade de 249 homens das Forças Especiais brasileiras liderou uma ofensiva para controlar o aeroporto de Querari e reforçar a região da Cabeça do Cachorro com 5.000 homens do Comando Militar da Amazônia. Eles se desdobraram ao longo da fronteira desde São Joaquim até Vila Bittencourt em uma frente de 600 km para dissuadir qualquer ataque.

O uso do narcotráfico por parte da guerrilha para sustentar a insurreição colombiana reforça sua ameaça ao Brasil. As vastas áreas de selva amazônica, entrecortadas pela maior rede fluvial do mundo e adjacente a outros países produtores de drogas, têm feito do Brasil a principal rota de tráfico de drogas destinadas aos EUA e à Europa. O país é um fornecedor importante dos produtos químicos necessários à produção da coca. O meio de transporte fluvial é ideal para o embarque de grandes quantidades de querosene, ácido sulfúrico, permanganato de potássio e acetona, necessários à produção dos cristais brancos de hidrócloro de cocaína. O comércio químico é facilitado na Zona Franca de Manaus, onde 256 companhias transportam os produtos químicos usados na produção da droga. Importações legítimas de produtos químicos são novamente empacotadas para o transporte aos laboratórios ilícitos da produção de drogas na Colômbia, no Peru e no Equador.<sup>35</sup>

Uma investigação no ano passado feita pela Comissão Parlamentar de Inquérito — CPI, revelou que grandes grupos brasileiros do narcotráfico estão vendendo armas às *FARC* na fronteira entre o Brasil e a Colômbia, usando os rios para o seu transporte. A Polícia Nacional da Colômbia tem relatado ter interceptado tais “importações” de *AK-47s*, *HK.91(G3s)*, *A-3s*, *AR-15s*, fuzis de franco-atiradores *Dragunov*, fuzis *Galil*, metralhadoras calibre .50, lança-granadas de 40mm e granadas C-90, não necessariamente todas do Brasil. Existem relatórios não oficiais de que as *FARC* têm acrescentado mísseis portáteis terra-ar, tais como os *SA-14* e *SA-16* russos, o *Redeye* dos EUA e mísseis *Stinger* da Síria ao seu repertório de armas.<sup>36</sup> A CPI também detalha o envolvimento de 827 funcionários brasileiros, tais como legisladores, magistrados, ministros, presidentes de bancos e policiais, no comércio de armas e drogas.<sup>37</sup>

Esta preocupação com o comércio de drogas por parte da guerrilha na fronteira levou o Brasil a torná-la mais segura por meio da “Operação Cobra”. A pequena força de 20 homens da Polícia Federal, no Amazonas, aumen-

tou para 180 policiais e o equipamento inclui 18 barcos de patrulha, dois aviões e um helicóptero.<sup>38</sup> Sete bases da Polícia Federal estão agora estabelecidas ao longo da fronteira para interceptar contrabando pelos rios e estradas.

Esta maior presença governamental na área fronteiriça brasileira chegou lentamente. As suas dimensões históricas têm suas origens na fundação do Forte de São Francisco em Tabatinga, no ano de 1776 e, mais recentemente, no Projeto Calha Norte, criado em 1985, que tem o propósito de estabelecer a segurança e o desenvolvimento ao longo da faixa lindeira. Hoje, o Brasil mantém da ordem de 22.000 efetivos próximo à fronteira, e qualquer aumento neste número será para “defender e prote-

---

***O uso do narcotráfico por parte da guerrilha para sustentar a insurreição colombiana reforça sua ameaça ao Brasil. As vastas áreas de selva amazônica, entrecortadas pela maior rede fluvial do mundo e adjacente a outros países produtores de drogas, têm feito do Brasil a principal rota de tráfico de drogas destinadas aos EUA e à Europa. O país é um fornecedor importante dos produtos químicos necessários à produção da coca. O meio de transporte fluvial é ideal para o embarque de grandes quantidades de querosene, ácido sulfúrico, permanganato de potássio e acetona, necessários à produção dos cristais brancos de hidrócloro de cocaína. O comércio químico é facilitado na Zona Franca de Manaus, onde 256 companhias transportam os produtos químicos usados na produção da droga.***

---

ger a nossa fronteira”, mas não para lutar junto com os colombianos, assegurou o ex-Ministro das Relações Exteriores, Luiz Felipe Lampreia.<sup>39</sup>

O atual desdobramento avançado de tropas coincide com o esperado Sistema de Vigilância da Amazônia — SIVAM. Este sistema é integrado por 10 gigantescos radares, 100 estações meteorológicas, aviões de vigilância, monitoramento das comunicações e imagens digitalizadas de satélite, apoiados por redes de satélites das comunicações de rádio e telefone, com a utilização de satélites. Este ano, os EUA estão fornecendo \$3,5 milhões de dólares ao Brasil para o projeto SIVAM, mais algumas pequenas embarcações para as operações

ribeirinhas contradrogas. A concepção do SIVAM é de apoio durante os desastres naturais, proteção contra as atividades criminosas e de controle do espaço aéreo na Amazônia.<sup>40</sup>

Os requisitos de segurança do SIVAM incluem o monitoramento do tráfico de drogas, do contrabando de minério e das madeiras-de-lei, de linhas de demarcação, das reservas indígenas, da faixa de fronteira, dos fogos florestais e da navegação dos rios. O SIVAM é a infraestrutura do conceito mais amplo de uma interagência brasileira, o Sistema de Proteção da Amazônia — SIPAM.

---

*O atual desdobramento avançado de tropas coincide com o esperado Sistema de Vigilância da Amazônia — SIVAM. Este sistema é integrado por 10 gigantescos radares, 100 estações meteorológicas, aviões de vigilância, monitoramento das comunicações e imagens digitalizadas de satélite, apoiados por redes de satélites das comunicações de rádio e telefone, com a utilização de satélites. Este ano, os EUA estão fornecendo \$3,5 milhões de dólares ao Brasil para o projeto SIVAM, mais algumas pequenas embarcações para as operações ribeirinhas contradrogas. A concepção do SIVAM é de apoio durante os desastres naturais, proteção contra as atividades criminosas e de controle do espaço aéreo na Amazônia.*

---

Há alguns anos, os policiais em Manaus e Tabatinga acreditavam que o aumento do crime transnacional, do terrorismo da guerrilha e o aumento da criminalidade na fronteira, eram o resultado das bem-sucedidas operações de interdição de drogas na Bolívia e no Peru. Apesar de as tendências históricas mostrarem que estes são antigos problemas de segurança, o Plano Colômbia está sendo incluído, agora, como outro fator no aumento dos problemas fronteiriços do Brasil. A atitude pouco tolerante do Brasil para com a narcoguerrilha é também a do Peru com relação às forças de guerrilha. Depois de ter acabado com duas ameaças de guerrilha, o Peru agora volta a sua atenção à sua fronteira norte com a Colômbia.

**O Peru ataca o problema.** A maior parte da fronteira de mil milhas entre a Colômbia e o Peru corre no sentido leste-oeste através de uma selva densa ao longo do rio Putumayo — estando o Departamento do Amazonas na

Colômbia, ao norte e o Departamento de Loreto, no Peru, ao sul. Uma faixa de terra colombiana na ponta leste da fronteira torna-se uma curva fechada ao sul alcançando Leticia, na Colômbia, que fica defronte a Tabatinga. Iquitos, capital do Departamento de Loreto, fica a 90 milhas ao sul da fronteira. A vasta selva entre o Putumayo e o rio peruano “Napo” tem historicamente sido do interesse dos índios e exploradores de petróleo, mas, em anos recentes, as reportagens têm mostrado que as *FARC* vêm operando campos de produção de coca nessa área. A área é tão remota que não altera de forma significativa as operações militares, o contrabando de armas ou o narcotráfico das *FARC*, se comparado com outras áreas fronteiriças. A sua população é muito escassa para dar apoio à guerrilha ou para representar um problema de refugiados, no caso de algum combate.

Os funcionários do governo peruano dizem não ter havido problemas entre as tropas peruanas e a guerrilha na área da fronteira norte, apesar de as atividades das *FARC* estarem sendo detectadas há anos. O Ministro da Defesa peruano, Walter Ledesma, declarou que “existe uma tranquilidade total na fronteira”, mesmo assim o governo reforçou a área em fevereiro de 2000.<sup>41</sup>

Pode-se até afirmar que não tem havido nenhum efeito colateral ao longo dessa linha fronteiriça — isto, é se a presença incontestada das *FARC* for ignorada. Mesmo assim, o conflito colombiano provocou um incidente envolvendo o tráfico de armas para as *FARC* que foi suficientemente sério para causar a queda do governo do Presidente Alberto Fujimori no ano 2000. O Chefe do Serviço de Inteligência Nacional do Peru, Vladimiro Montesinos Torres, foi implicado em uma operação internacional de tráfico de armas que aparentemente entregou 10.000 fuzis de assalto às *FARC*. O escândalo resultante e as manobras políticas, eventualmente, retiraram Montesinos e Fujimori do poder e do país.

Nessa operação, fuzis da Alemanha Oriental foram transportados via Jordânia, e chegaram diretamente às *FARC* em aeronaves *IL-76* de fabricação russa, pilotadas por russos e ucranianos.<sup>42</sup> Após um vôo inicial abortado em março de 1998, um segundo vôo deixou Amã na Jordânia, no dia 23 de março de 1999. Mais de 2.500 fuzis foram lançados por pára-quedas em caixotes de madeira perto de Barrancomina ao longo do rio Guaviare, a umas 250 milhas a leste da *Zona de Despeje* das *FARC*.

A 16ª Frente das *FARC* coordenou a operação de contrabando das armas, recebeu-as, estabeleceu os cachês e as distribuiu. Em abril do mesmo ano, o Exército colombiano conduziu uma operação de contra-insurgência durante a qual o comandante da 16ª Frente, Esteban Gonzalez, foi morto e quatro venezuelanos foram capturados. Pouco depois, o Exército colombiano confiscou mais de 100 fuzis e os números de série revelaram sua origem.<sup>43</sup>

Mais três vôos foram feitos até agosto de 1999, usando a rota do vôo desde Amã-Mauritânia-Trinidad e Tobago-Iquitos (Peru). Cada vôo levou 2.500 fuzis às *FARC*. Os agentes policiais contra-narcóticos do Peru eventualmente forçaram o pouso da aeronave. De acordo com a fonte, os jordanianos teriam providenciado mais 40.000 fuzis antes da interrupção da transação.

Os peruanos podem controlar qualquer incursão da guerrilha colombiana, mas a atividade limitada da guerrilha que o país enfrenta ocorre no sul e no centro, e não na fronteira com a Colômbia. As organizações de insurreição do Peru, o *Sendero Luminoso — SL* e o *Movimento Revolucionário Tupac Amaru — MRTA*, foram estrategicamente eliminados, existindo apenas pequenos focos tentando continuar as operações. O *Sendero Luminoso* de vez em quando ainda interrompe o livre movimento das pessoas com barreiras em pontos do Vale do Alto Huallaga e tenta recrutar adeptos.<sup>44</sup>

As autoridades policiais, a inteligência e os militares têm obtido êxito no ataque decisivo a esses grupos e em levar a julgamento seus líderes. Os últimos líderes-chave do *Sendero Luminoso* foram presos em 1999, mas ainda existem notícias de pequenos focos de combate no interior do país, remanescentes do grupo atacando alvos governamentais. O MRTA tem estado inativo desde sua derrota na residência do embaixador do Japão em Lima em 1997. O sistema judicial do Peru lida com terroristas e narcotraficantes com muita firmeza.<sup>45</sup>

A estratégia peruana de erradicação e desenvolvimento alternativo parece estar funcionando, reduzindo em 66 por cento o cultivo da coca nos últimos quatro anos. Os peruanos continuarão seus esforços contra-narcóticos sem muita interferência derivada dos problemas do conflito colombiano e enfatizarão o aumento da interdição aérea e ribeirinha e do programa de desenvolvimento alternativo, devido ao aumento no preço da coca.<sup>46</sup> Enquanto isto, os laboratórios de cocaína são geralmente localizados no extremo leste do Peru, de onde as aeronaves dos narcotraficantes podem decolar antes de serem alcançadas pela Força Aérea Peruana. A Colômbia já não tem um papel principal no transporte de drogas do Peru. A maioria das rotas peruanas transportam as drogas por rotas fluviais ou aéreas, passando pelo Brasil, por via terrestre através do Equador e pelo mar utilizando o porto de Callao perto de Lima.

A recessão econômica e o aumento no preço da coca têm incentivado os fazendeiros peruanos a reconsiderarem o cultivo da mesma, assim pondo mais pressão sobre o programa peruano de desenvolvimento alternativo que envolve 700 organizações comunitárias e de fazendeiros. O programa inclui a reabilitação das plantações de café e cacau; plantações de banana, abacaxi e palmito; a construção de estradas e pontes; o fortalecimento dos governos locais e a assistência em forma de crédito

para os fazendeiros.

A população relativamente pequena de refugiados no Peru é composta, em sua maioria, por cubanos, antigos iugoslavos e iranianos e nem tanto por colombianos. O Peru vem resolvendo, com eficiência, seu problema interno de pessoas deslocadas. Uns 430.000 peruanos abandonaram suas moradias rurais andinas e se deslocavam principalmente para as cidades, durante a violenta insurreição no país entre as décadas de 80 e 90. As organizações não governamentais afirmam que o conflito tem afetado da ordem de 1,6 milhão de pessoas, mas

---

***As autoridades policiais, a inteligência e os militares têm obtido êxito no ataque decisivo a esses grupos e em levar a julgamento seus líderes. Os últimos líderes-chave do Sendero Luminoso foram presos em 1999, mas ainda existem notícias de pequenos focos de combate no interior do país, remanescentes do grupo atacando alvos governamentais. O MRTA tem estado inativo desde sua derrota na residência do embaixador do Japão em Lima em 1997. O sistema judicial do Peru lida com terroristas e narcotraficantes com muita firmeza. A estratégia peruana de erradicação e desenvolvimento alternativo parece estar funcionando, reduzindo em 66 por cento o cultivo da coca nos últimos quatro anos.***

---

hoje apenas uns 70.000 peruanos continuam internamente deslocados.<sup>47</sup> Em contraste, o vizinho Equador expressou preocupação particular de que o esforço colombiano contra-drogas, na província de Putumayo, gerasse um fluxo de refugiados para o seu território. Porém, um mês depois de iniciadas as operações de erradicação, o Plano Colômbia não produziu a esperada onda migratória. Mais perturbante talvez para os residentes de algumas pequenas cidades da província equatoriana de Sucumbios, é a perda da verba das *FARC*, que freqüentava Sucumbios como área logística e santuário.

**Equador e área de repouso.** Uma derrota sofrida por rebeldes colombianos poderia deslocar acampamentos permanentes ou semi-permanentes da guerrilha cruzando a fronteira equatoriana. Sua presença exigiria uma reação dos militares equatorianos que não estão preparados para enfrentarem as unidades experientes e violentas da guerrilha. A percepção da inabilidade em enfrentar a guerrilha poderia concebeivelmente causar pâ-

nico no governo em Quito. Enquanto isso, não se pode esperar que os equatorianos localizados na fronteira, e que vivem não somente em paz com a guerrilha mas também recebem seu sustento do comércio com ela, dêem seu apoio ao plano colombiano de atacar e suprimir o poder financeiro da guerrilha. A cidade equatoriana fronteira de Lago Agrio é um estabelecido centro de

---

***Uma derrota sofrida por rebeldes colombianos poderia deslocar acampamentos permanentes ou semi-permanentes da guerrilha cruzando a fronteira equatoriana. Sua presença exigiria uma reação dos militares equatorianos que não estão preparados para enfrentarem as unidades experientes e violentas da guerrilha. A percepção da inabilidade em enfrentar a guerrilha poderia concebivelmente causar pânico no governo em Quito. Enquanto isso, não se pode esperar que os equatorianos localizados na fronteira, e que vivem não somente em paz com a guerrilha mas também recebem seu sustento do comércio com ela, dêem seu apoio ao plano colombiano de atacar e suprimir o poder financeiro da guerrilha. A cidade equatoriana fronteira de Lago Agrio é um estabelecido centro de relaxamento para o descanso de operários da indústria petrolífera, de guerrilheiros e de paramilitares.***

---

relaxamento para o descanso de operários da indústria petrolífera, de guerrilheiros e de paramilitares. Os guerrilheiros e os trabalhadores nas plantações de coca vão a essa cidade a partir dos dois lados da fronteira, para receberem cuidados médicos e odontológicos.

Em cooperação com o Alto Comissariado para Refugiados da ONU, a Igreja Católica em Lago Agrio registra e presta assistência aos refugiados. Calcula-se que 100 refugiados se apresentam por semana, somando-se aos 2.500 que recebem assistência atualmente. O Comitê Americano para Refugiados afirma que, no ano passado, a Igreja ajudou cerca de 1.500 colombianos a obterem documentação que impedisse sua volta involuntária à Colômbia. O Comitê estima que 30.000 refugiados colombianos já moravam no Equador até o final de 1999.<sup>48</sup>

Os funcionários em Sucumbíos estão preparados para receberem 5.000 refugiados, mas enquanto o *despeje* das

*FARC* proporcionar um santuário, é improvável que essa cidade venha a receber um fluxo maior, ainda mais na medida em que perca recursos gerados pelas *FARC*. Se houver insuficiente progresso no processo de paz, e o *despeje* for retomado pelo estado, Sucumbíos terá então um problema bem mais grave no que tange aos refugiados.

Quaisquer dificuldades enfrentadas pelo Equador junto à fronteira colombiana poderiam ser sempre ultrapassadas se o país tivesse condições de encará-las, mas tem tido cinco diferentes presidentes nos últimos cinco anos e um Congresso dividido. O país sofre a emigração rural para as cidades e da saída de seus cidadãos mais capazes para o exterior. Os indígenas, encorajados pela guerrilha das *FARC*, estão fazendo exigências. A dívida externa consome cerca de 40 por cento da verba nacional e sobra pouco para melhorar a situação de extrema pobreza do povo.<sup>49</sup> O país tem uma Força Armada benquista, particularmente nas áreas rurais. O Exército é fonte de estabilidade, mantendo o equilíbrio em assuntos de política interna, mas pode não ser capaz de controlar a fronteira com a Colômbia. Está aumentando a sua presença em Sucumbíos com mais 1.500 homens em cinco postos fronteiriços e está reforçado com outros 1.500 soldados.<sup>50</sup>

O Plano Colômbia representa um aumento no ritmo operacional das Forças Armadas colombianas no Departamento de Putumayo, o que poderá aumentar o trânsito de refugiados para o norte equatoriano. Porém, o governo colombiano não está por trás do mais recente aumento migratório. O grupo *Autodefensas Unidas de Colombia — AUC*, estabeleceu uma grande presença no Putumayo, em 1999, para enfrentar as *FARC* no controle da colheita da folha da coca. As *AUC* fizeram incursões a Sucumbíos para capturar membros das *FARC* que descansavam no Equador e para atacar o aparato logístico desta força guerrilheira. Notícias recentes sugerem a presença de uma organização irmã das *FARC*, conhecida como *FARE* (Forças Armadas Revolucionárias Equatorianas), mas não tem havido uma presença importante operacional deste grupo.

Os combates entre unidades do Exército colombiano, os paramilitares e as *FARC* no Putumayo inflacionaram a economia na fronteira equatoriana em 2000. Quando as *FARC* bloquearam o acesso ao Putumayo, impedindo a entrada de comida e de outros suprimentos, os preços do lado equatoriano da fronteira dobraram.<sup>51</sup> Em Nueva Loja, capital de Sucumbíos e importante nodo do contrabando de armas para as *FARC*, o comércio em geral caiu 70 por cento, talvez pela presença das *AUC*. Em compensação, a associação médica de Nueva Loja trata quatro ou cinco membros da guerrilha por semana. De acordo com o doutor Edgar Reynoso, o hospital público recebe “entre 10 a 15 de uma vez” quando há combate no Putumayo.<sup>52</sup>



namenha se relaciona com o controle de suas fronteiras. O Panamá não tem forças armadas desde 1989, as quais foram, subsequentemente, abolidas pela constituição. Em consequência, o Panamá não pode eficientemente desempenhar missões de contra-insurreição, contra-terrorismo ou contra-narcóticos. O atual Serviço de Polícia de Fronteira possui mais de 2.000 policiais estacionados na província de Darien, fronteira com a Colômbia, mas não está organizado e treinado para enfrentar os combatentes colombianos.<sup>55</sup> O país seria beneficiado se o governo da Colômbia aumentasse o seu controle sobre as ações criminosas no seu lado da fronteira e, talvez, se recebesse a ajuda regional. A presidente Mireya Moscoso continua a pedir ajuda.

As Forças Públicas do Panamá não têm podido enfrentar os grupos estrangeiros armados. O chefe colombiano das *AUC*, Carlos Castaño, diz, “consideramos como alvos militares todos os membros da Polícia Nacional do Panamá que trabalham abertamente com as *FARC* ao longo da fronteira.”<sup>56</sup> Os panamenhos nas remotas províncias de San Blas e Darien, a leste, representam apenas 2 por cento da população e, diariamente temem serem brutalizados e molestados pelas forças paramilitares colombianas, pela guerrilha e pelos criminosos.

Os incidentes entre os paramilitares e as *FARC* vêm ocorrendo com frequência ao longo da fronteira com a Colômbia desde meados da década de 90. Até mesmo unidades do Exército colombiano têm cruzado a fronteira, adentrando ao Panamá em perseguição aos guerrilheiros.<sup>57</sup> As frentes das *FARC* enviam elementos ao território panamenho para descanso e ressuprimento com o objetivo de prepararem-se para os combates na Colômbia. Os grupos paramilitares intimidam os panamenhos que apoiam às *FARC*. Os funcionários governamentais panamenhos raciocinam que a presença da guerrilha na área de Darien não ameaça a sua zona de livre comércio nem as operações do Canal.

A fronteira é menos problemática quando vista da cidade de Panamá.<sup>58</sup> Mas, um incidente não passou despercebido pelo governo. Em La Miel, um pequeno vilarejo na costa norte, centenas de elementos fortemente armados da 57ª Frente das *FARC* invadiram e ameaçaram as comunidades indígenas Kuna Yala em La Miel, Armila e Porto Obaldia. A seguir, foram localizadas forças paramilitares das *AUC* na região. Depois que as *FARC* apareceram no seu vilarejo, 120 panamenhos fugiram de La Miel em busca de províncias mais seguras, preocupados que os paramilitares das *AUC* invadissem sua área para matar residentes que supostamente estavam apoiando a guerrilha.<sup>59</sup>

Os refugiados que atravessam a fronteira da Colômbia para Darien apresentam outro problema para o Panamá porque estão ligados ao conflito fronteiriço e às incursões levadas a cabo pela guerrilha e pelos paramilita-

res. O crescente número de colombianos que cruzam a fronteira para Darien em busca de segurança têm recebido atenção internacional. Em 1997, o Comitê Americano para Refugiados reportou que o Panamá havia intencionalmente recusado a entrada de 90 colombianos à procura de asilo. Isto incentivou o Alto Comissariado para Refugiados da ONU a negociar com o Panamá para estabelecer regras mínimas de conduta relacionadas ao processamento de refugiados. As regras incluem a aderência ao princípio do *nonrefoulement*, o “não forçar o retorno”, e o oferecimento de uma segurança temporária de refúgio. O país nem sequer tem condições para proteger seus próprios cidadãos em áreas remotas fronteiriças das incursões das forças irregulares em Darien, muito menos proteger os refugiados.<sup>60</sup>

O aparecimento de refugiados colombianos impõe pesadas demandas sobre os recursos panamenhos. Quando várias frentes das *FARC* invadiram a cidade de Jurado, um porto no Pacífico, cerca de 500 colombianos fugiram para Jaque, no Panamá, um deslocamento de 65km ao longo da costa sul. Felizmente, várias organizações humanitárias proporcionaram assistência aos refugiados, e até março de 2000, uns 100 colombianos já haviam voltado às suas casas em Jurado.<sup>61</sup> A situação é similar na costa norte do Panamá na província ocidental de San Blas. Conflitos na região do Golfo de Urabá na Colômbia têm forçado refugiados para o oeste, em direção o Porto Obaldia.

A *Organização Nacional do Panamá para a Atenção dos Refugiados* — *ONPAR*, identificou 600 colombianos pedindo asilo no Panamá até o final de 1998. Um número estimado de 580 colombianos, fugindo da violência em seu território, buscaram refúgio na província panamenha de Darien em 1999, incluindo uns 30 em março e mais de 550 em dezembro. Outros 7.000 colombianos vivem no Panamá como imigrantes legais pelo Ato de Regularização Migratória de 1994.<sup>62</sup> O Panamá está melhorando o seu tratamento para com os colombianos refugiados e agora permite o acesso do Alto Comissariado para Refugiados da ONU aos novos refugiados recém-chegados, em coordenação com a *ONPAR*.

Os embarques de armas são feitos regularmente ao longo da costa norte da Costa Rica até os portos fronteiriços panamenhos como Almirante e Bocas del Toro, seguindo pela costa Caribenha do Panamá até Colon ou a adjacente Coco Solo. O contrabando — rifles *AK-47*, granadas de mão e explosivos — é transportado pela via que utiliza as cidades fronteiriças, tal como Porto Obaldia na costa Caribenha do Panamá e pelo Golfo de Urabá, sendo vendido aos insurgentes colombianos e traficantes de droga.<sup>63</sup> Quando as unidades da marinha colombiana aumentam sua presença no Golfo de Urabá, o trânsito se desloca para rotas no Oceano Pacífico.

O Panamá tipicamente posiciona barcos de patrulha do seu Serviço Marítimo Nacional nos portos fronteiriços dos lados norte e sul do istmo para impedir o tráfico de armas e drogas. Porém, a pequena guarda costeira panamenha não pode proteger os litorais de San Blas e Darien dos ataques piratas contra pescadores e é ineficiente no controle do contrabando de armas e incursões da guerrilha colombiana.

O Panamá tem muitos dos mesmos antigos problemas fronteiriços que seus vizinhos da Região Andina. Não pode fazer muito a respeito da atividade paramilitar ou das *FARC* porque não tem poder de combate. Felizmente, estes problemas concentram-se em uma província afastada e, é de se esperar que sua expansão possa ser impedida — a aparente estratégia para lidar com o problema.

### Atacando o Centro de Gravidade

O narcotráfico, contrabando de armas e as outras atividades ilegais têm afetado todas as áreas fronteiriças durante muitos anos. As forças oponentes na Colômbia manobram livremente para a Venezuela, Equador e Panamá, mas, no Brasil, as *FARC* têm pago um alto preço por suas incursões. Todos os países são afetados de uma forma ou de outra por problemas de refugiados. No entanto, parece ser uma situação manejável, com exceção da Venezuela onde existe pouca coordenação entre as organizações colombianas, venezuelanas e internacionais. Nenhum destes desafios de segurança ataca interesses básicos de sobrevivência nacional, mas apresentam situações políticas e exigem verba.

Os vizinhos da Colômbia sugerem que a campanha contra-drogas no Putumayo dará incentivo a que refugiados, cultivadores de coca e civis armados cruzem as fronteiras, especialmente para o Equador. O pacote de ajuda suplementar, apoiando esta campanha, proporciona \$20 milhões de dólares ao Equador, \$32 milhões ao Peru e \$3.5 milhões ao Brasil para ajudar a lidar com esse problema.<sup>64</sup>

Existe justificativa para os temores dos líderes regionais com relação à Colômbia e à ajuda que lhes presta os EUA. O atual conflito, agora incrementado pela droga, tem perdurado de uma forma ou de outra, por trinta anos. As *FARC* se transformaram em um fenomenal comércio de drogas, com poucos incentivos para acabar com a guerra. Seja lá qual for o raciocínio político do presidente Pastrana em ceder-lhes tanta terra, a consequência militar é assustadora. A área das *FARC* — o *despeje* — é uma enorme base para as operações militares, o recrutamento, o cultivo de drogas e o contrabando de armas, como também para o seu propósito declarado, o de manter diálogo com o governo. A cada semana que passa, o santuário do *despeje* contribui para diminuir a probabilidade de o Exército colombiano conseguir o poderio ne-

cessário para derrotar a guerrilha.

Até agora, as *AUC*, também uma organização fora-da-lei, tem podido reduzir a força das *FARC* e do *ELN*. Porém, parece que o presidente Pastrana cedeu à demanda do comandante das *FARC* para que o governo se concentre na eliminação das *AUC*. Os vizinhos da Colômbia podem concluir que o governo colombiano não está empenhado no caminho para derrotar a guerrilha e nem de impedi-la de ganhar ou repartir o poder. Esses vizi-

---

***O assunto que requer maior atenção no nível da segurança nacional panamenha se relaciona com o controle de suas fronteiras. O Panamá não tem forças armadas desde 1989, as quais foram, subseqüentemente, abolidas pela constituição. Em consequência, o Panamá não pode eficientemente desempenhar missões de contra-insurreição, contra-terrorismo ou contra-narcóticos. O atual Serviço de Polícia de Fronteira possui mais de 2.000 policiais estacionados na província de Darien, fronteira com a Colômbia, mas não está organizado e treinado para enfrentar os combatentes colombianos. O país seria beneficiado se o governo da Colômbia aumentasse o seu controle sobre as ações criminosas no seu lado da fronteira e, talvez, se recebesse a ajuda regional. A presidente Mireya Moscoso continua a pedir ajuda.***

---

nhos podem também não querer empenhar os meios diplomáticos ou seus esforços para se oporem a um movimento rebelde que continua a ganhar posição *vis a vis* junto ao governo colombiano.

A experiência peruana com o SL e o MRTA proporciona um valioso ensinamento em descobrir o centro de gravidade com eficiência e ter o poder necessário para atacá-lo. Como consta do *Strategic Assessment 1999* (Avaliação Estratégica de 1999) da *National Defense University* (Washington, D.C.), “Uma vez derrotada a insurreição (peruana), o estado pôde montar uma campanha nacional mais eficaz contra as organizações do tráfico de drogas, e a ajuda dos EUA teve um impacto maior.”<sup>65</sup> O governo colombiano está enfatizando as operações contra-drogas dentro de um estágio de insurgência no qual as *FARC* parecem ser muito capazes para conduzirem operações militares convencionais. O Exército encontra-se combatendo em três frentes diferentes — contra a guerrilha, os paramilitares e os narcotraficantes. Como

observou o especialista em segurança, Michael Radu, “os principais problemas na Colômbia são as *FARC* e o *ELN*, e... nenhuma solução ao problema das drogas é possível enquanto os insurgentes continuarem a operar com impunidade.”<sup>66</sup>

As *FARC* e o *ELN* têm sido capazes de conseguir um pequeno apoio da área rural pela força. No entanto, o Exército colombiano e a Polícia Nacional são as instituições colombianas mais respeitadas depois da Igreja Católica.<sup>67</sup> Se o Exército mantiver sua disciplina em direitos humanos e ganhar o total apoio da liderança política estará completamente capacitado para atacar o centro de gravidade.

Os vizinhos da Colômbia têm um papel importante ao proporcionarem o apoio internacional necessário para conter as *FARC*, o *ELN* e as atividades paramilitares. Não é necessário que suas tropas lutem lado a lado com soldados colombianos, mas são primordiais para manterem a segurança ao longo das regiões fronteiriças. O Brasil tem sido particularmente eficaz em negar um santuário às *FARC* para realizarem operações militares contra o estado colombiano. Com o compromisso internacional e a liderança decisiva em casa, a Colômbia tem boa oportunidade de eliminar os perigos que enfrenta.

O Chefe do Gabinete de Segurança Internacional do governo brasileiro, o General Alberto Cardoso, proporciona uma visão das iniciativas de segurança colombianas: “Se existe um aspecto positivo relacionado ao surgimento dos problemas com o Plano Colômbia, este é que a sociedade percebeu a necessidade de se proteger o Amazonas.”<sup>68</sup> Mas, as ações e os comentários brasilei-

ros são derivados de uma posição de relativo poder e invulnerabilidade. Os outros vizinhos da Colômbia estão menos confiantes e parecem sentir a deterioração moral do poder político colombiano.

O militar colombiano — tão apolítico quanto qualquer outro da América Latina — pode ter esta tradição desafiada nos meses vindouros. Tentações análogas nem sempre foram resistidas na região. Imperativos em potencial incluem uma guerrilha esquerdista prestes a vencer estrategicamente, a perda da soberania sobre o território, uma economia instável e uma população querendo mais ação contra as várias organizações fora-da-lei. O artigo 217 da Constituição colombiana declara, “As Forças Armadas terão como propósito fundamental defender a soberania, independência e a integridade do território nacional e da ordem constitucional.”<sup>69</sup> Os oficiais colombianos tendem a acreditar cada vez mais no artigo 217 e menos nas partes da Constituição direcionadas a manterem o militar colombiano sob o controle político dos civis. Qualquer movimento decisivo por parte do militar colombiano em usurpar poder político certamente debilitaria os prognósticos para uma coordenação regional de segurança, pelo menos a curto prazo. Por outro lado, caso o governo colombiano venha a se tornar mais agressivo contra os narcotraficantes, as correlações de força dentro da Colômbia mudariam dramaticamente a favor do Exército colombiano. O descontentamento militar diminuiria e o verdadeiro apoio por um plano integrado contra os criminosos poderia ser desenvolvido com os seus vizinhos. **MR**

## REFERÊNCIAS

1. O Plano Colômbia é a estratégia multi-facetada de assistência à nação do Presidente Andrés Pastrana.

2. Ver William L. Scruggs, *The Colombian and Venezuelan Republics* (Boston: Little, Brown and Co., 1910). Este centenário volume define a forte relação existente entre as províncias distantes do norte colombiano e a Venezuela.

3. O Centro para a Política Internacional fornece detalhes sobre o pacote de ajuda dos EUA à Colômbia na página de Internet: [www.ciponline.org/](http://www.ciponline.org/).

4. A estratégia do Presidente Pastrana é rejeitada. Isto foi salientado no dia 1 de fevereiro de 2001 quando o parlamento europeu da União Européia votou 474 a 1 contra o apoio ao Plano Colômbia. Apenas uma semana havia passado desde que Pastrana tinha viajado a Paris para pedir \$700 milhões de dólares para apoiar os aspectos econômicos e de desenvolvimento social relacionados ao seu plano para a paz. Os europeus responderam com conselhos sobre o processo de paz, a reforma agrária e o “risco de iniciar um escalonamento do conflito na região.” O Parlamento Europeu optou por um alinhamento contra os interesses dos EUA. Ver “EU Parliament Slaps Down Plan Colombia,” *Agence France Presse*, 1 February 2001, online <[www.prairienet.org/clm](http://www.prairienet.org/clm)>.

5. “Major Illicit Drug-Producing and Transit Countries,” US Embassy Brasília, 26 January 2001, US State Department, online <[www.embaixadaamericana.org.br/drugs.html](http://www.embaixadaamericana.org.br/drugs.html)>. “The Foreign Assistance Act (FAA) of 1961”, conforme emenda, requer que o presidente anualmente submeta ao Congresso uma lista dos países determinados a continuarem como principais produtores de droga e dos países por onde a droga possa transitar. A Administração de Aviação Federal (*Federal Aviation Administration — FAA*) exige que metade da assistência estrangeira por parte do governo dos EUA a qualquer país que faz parte da lista principal seja retirada até que o presidente determine a “certificação”, ou não, do mesmo.

6. Barry R. McCaffrey, “Remarks on Regional Implications of Plan Colombia,” US Embassy Brasília, 26 January 2001, US State Department, online <[www.embaixadaamericana.org.br/colombia.html](http://www.embaixadaamericana.org.br/colombia.html)>. Em 1999 mais de 22.957 colombianos morreram por

causa de problemas relacionados com drogas de acordo com o Escritório da Política Nacional do Controle de Drogas (*Office of National Drug Control Policy*).

7. Não existem figuras exatas mas é normalmente aceito que as *FARC* sozinhas têm essa entrada. Veja Rafael Pardo, “Colombia’s Two-Front War,” *Foreign Affairs* (July-August 2000), online <http://www.prairienet.org/clm>.

8. Um estudo profundo indica que o poder financeiro da guerrilha pode ser ainda maior do que o que se sugere aqui. Veja Jesus El La Rotta. M., *Las Finanzas de la Subversión Colombiana: Una forma de explotar la nación*, (Bogotá: INCISE, janeiro de 1996).

9. Os grupos membros das AUC são as *Autodefensas Campesinas de Córdoba y Uraba — ACCU*, *Autodefensas del Cesar*, *Autodefensas Magdalena Medio*, *Autodefensas de los Llanos Orientales*, *Autodefensas de Santander y del sur de Cesar*, *Las Autodefensas del Casanare*, *Autodefensas de Cundinamarca* e a própria *Autodefensas Unidas de Colombia — AUC*. *Periscope*, CIP online: <<http://www.ciponline.org/colombia/infocombat.htm#Paramil>>

10. Este é o número que se usa mais normalmente, mas a mortandade pode ser bem maior.

11. O número da guerrilha varia dependendo da fonte: o das *FARC* é entre 15.000 a 17.000; das *ELN* aproximadamente 5.000; das *AUC* entre 5.000 a 7.000. A conceituada *Latin American News Syndicate* em sua *Latin American Weekly Report*, de 18 de maio de 2000, online <[www.latam-news.com](http://www.latam-news.com)>, calcula o número de guerrilheiros das *FARC* em 11.850.

12. Karl Penhaul, “Colombia’s Pressure Peak,” *San Francisco Chronicle*, 8 February 2001, [www.prairienet.org/clm](http://www.prairienet.org/clm).

13. Vice-Secretário de Defesa para Operações Especiais e Conflito de Baixa-Intensidade (*Assistant Secretary of Defense for Special Operations and Low-Intensity Conflict*) Brian E. Sheridan, “Statement for the Record,” Testemunho perante a Subcomissão do Hemisfério Ocidental, Comitê de Relações Internacionais, *US House of Representatives*, Washington, DC, 21 de setembro de 2000.

14. Arnaud de Borchgrave, "Colombia's President Predicts Cease-Fire by Term's End," *United Press International (UPI)*, 10 February 2001; Jose Ramos, "Colombian Government, Rebels Gear Up for Continued Peace Talks," *Agence France Presse*, 13 February 2001, online <http://www.prairienet.org/clm>.
15. Problemas sociais e estruturais — saúde e educação, o sistema de justiça criminal e a ajuda para pessoas internamente deslocadas (refugiados pela guerra de guerrilha na Colômbia)— todos poderiam se beneficiar das contribuições internacionais. Estes programas serão os que mais provavelmente irão aliviar o problema dos refugiados, temido pelos vizinhos da Colômbia. Ironicamente, suas críticas sobre a porção militar do Plano Colômbia detiveram o apoio estrangeiro para aquelas porções do plano que teriam reduzido o impacto da guerra sobre eles.
16. John Otis, "Political Cleansing in Colombia Rising, Number of Civilians Displaced by 35-Year War Nears Crisis Levels," *Houston Chronicle*, 17 October 1999.
17. Larry Rohter, "Crisis in Colombia as Civil Strife Uproots Peasants," *The New York Times*, 21 October 1999.
18. Nick Rosen, "Plight of the Desplazados," *In These Times*, 31 October 1999, online: [www.prairienet.org/clm](http://www.prairienet.org/clm).
19. "Colombia," UN High Commissioner for Refugees (UNHCR) Country Profiles, online: [www.unhcr.ch/world/amer/colombil.htm](http://www.unhcr.ch/world/amer/colombil.htm).
20. "Blood on the Border," *The Economist* (London), 16 September 2000, online: <http://www.prairienet.org/clm>.
21. "Venezuela," UNHCR Country Profiles, online: [www.unhcr.ch/world/amer/vnzuela.htm](http://www.unhcr.ch/world/amer/vnzuela.htm). *Nonrefoulement* se refere a não forçar os refugiados a terem que voltar e enfrentar perigo. Também ver "Blood on the Border," *The Economist* (London), 16 September 2000.
22. Scott Wilson, "Influx Burdens Venezuela," *The Washington Post*, 1 October 2000.
23. "Cross-Border Terror," *The Economist* (London), 24 May 1997.
24. Estimativa do Consulado da Colômbia em Machiques conforme relatado por Scott Wilson, *Washington Post Foreign Service*, "Influx Burdens Venezuela," *The Washington Post*, 1 October 2000.
25. "UNHCR Country Profiles," September 1999, UNHCR, online: <http://www.unhcr.ch/world/amer/vnzuela.htm>.
26. "Venezuela Bristles at Border Crossings," *The Washington Times*, 25 October 2000.
27. Barry R. McCaffrey, "ONDCP Director McCaffrey Remarks on Regional Implications of Plan Colombia," US Embassy Brasília, 26 January 2001, US State Department, Washington, DC, online: [www.embaixada-americana.org.br/colombia.html](http://www.embaixada-americana.org.br/colombia.html).
28. "Se busca, Colombia y Estados Unidos van tras el guerrillero que controla la mayor área cocalera del mundo," *Semana*, 4 September 2000, 40.
29. Entrevista com um oficial do Exército da Colômbia (sem atribuição), em novembro de 2000.
30. Colonel Alvaro de Souza Pinheiro, "Guerrilla in the Brazilian Amazon," *Military Review, Edição Brasileira*, 1<sup>o</sup> trimestre 1995, 58-79. As operações conjuntas entre o Brasil e a Colômbia conduzidas em 1991 eram chamadas: "Traira" e "Perro Loco."
31. Silvio Ferraz, "O Brasil Mostra As Garras, . . . Reage à Ameaça da Guerrilha Colombiana," revista "Veja", 10 de novembro de 1999, 190-93.
32. Amaury Ribeiro Jr., "Security Tightened at Colombian Border to Deter FARC," *O Globo* (Rio de Janeiro) 13 de setembro de 1996, 12. Traduzido no Serviço de Informação de Transmissões Estrangeiras (*Foreign Broadcast Information Service - FBIS*) PY1309220896, 13 de setembro de 1996. Discussões do autor com a Polícia Federal no posto de Tabatinga e na base do rio Anzol, no Rio Solimões, em 2 de maio de 1996.
33. Jared Kotler, "Rebels Inflict Heavy Losses in Colombia, 150 Government Fighters Die Taking Jungle Town," Associated Press, o jornal *Miami Herald*, 5 November 1998.
34. "El síndrome de Jacobo," *Semana*, 9 November 1998, 50-53; "Colombia Declares Curfew in Amazon Provinces Following Attack," *Bloomberg News*, 5 November 1998; "Colombia Rebels, Anti-Drug Police," o jornal *Miami Herald*, 2 November 1998; "Assesina guerrilla a 70 policia," *El Norte*, 3 November 1998. O governo brasileiro chamou de volta seu embaixador para consultas em consequência da inadequada coordenação colombiana com autoridades do Brasil.
35. Mauro Sposito, Delegado da Polícia Federal e chefe das operações antidrogas no Amazonas citado por Kevin G. Hall, "US Fails to Regulate Export of Chemicals Colombians Use to Make Cocaine," *Knight Ridder/Tribune News Service*, 22 November 2000, online: [www.prairienet.org/clm](http://www.prairienet.org/clm).
36. "FARC: Finance Comes Full Circle for Bartering Revolutionaries," *Jane's Terrorism and Security Monitor*, 16 January 2001, online: [www.prairienet.org/clm](http://www.prairienet.org/clm).
37. "Investigation Reveals Colombia Drug Trafficking, Guerrilla Ties in Brazil," *Cambio* (Internet Version), 18 December 2000, *FBIS*, LAP20001218000050.
38. Peter Muello, "Brazil Braces for Colombia Drug Fight," Associated Press, *The Washington Times*, 19 December 2000, 12.
39. Larry Rohter, "Latest Battleground in Latin Drug War: Brazilian Amazon," *The New York Times*, 30 October 2000, 1.
40. Raytheon Electronic Systems, Home Page, 8 March 1999, online: [www.raytheon.com/sivam](http://www.raytheon.com/sivam); Alex Bellos, *The Guardian* (15 October 1998).
41. "Peruvian Defense Minister Denies Clashes Occurred Between Troops, FARC Rebels," *Notimex*, Mexico City, 29 November 2000, *FBIS*, LAP20001130000009.
42. Roberto Lamerinhas, "Origin of Peruvian Political Crisis," *O Estado de São Paulo*, 20 September 2000, *FBIS*, LAP20000920000043, 6 February 2001; "Reports Say Traffickers Made Five Flights to Deliver Russian Rifles to FARC," *EFE Madrid*, 3 September 2000, *FBIS*, LAP20000903000017, 6 February 2001.
43. "Further on Weapons for FARC," *Cambio*, 28 August 2000, *FBIS*, LAP20000828000010, 6 February 2001. Para mais sobre o "Negro Acácio," veja *Semana*, September 2000, 40.
44. "1999 Country Reports on Human Rights Practices," *Bureau of Democracy, Human Rights and Labor, US Department of State*, Washington, DC, 25 February 2000, online: [http://www.state.gov/www/global/human\\_rights/1999\\_hrp\\_report/peru.html](http://www.state.gov/www/global/human_rights/1999_hrp_report/peru.html).
45. "Patterns of Global Terrorism: 1999," online: <http://www.state.gov/www/global/terrorism/1999report/latin.html#Peru>.
46. *Bureau for International Narcotics and Law Enforcement Affairs, International Narcotics Control Strategy Report, 1999* (Washington, DC: US Department of State).
47. *The US Committee for Refugees (USCR)*, "Peru Country Report," online: [http://www.refugees.org/world/countryrpt/amer\\_carib/peru.htm](http://www.refugees.org/world/countryrpt/amer_carib/peru.htm).
48. *USCR*, "Ecuador Country Report," online: [http://www.refugees.org/world/countryrpt/amer\\_carib/ecuador.htm](http://www.refugees.org/world/countryrpt/amer_carib/ecuador.htm).
49. Sebastian Rotella, "Andean Region Teeters Between Anarchy, Tyranny," *Los Angeles Times* 31 August 2000; Jay Hancock, "US Steps Up Drug War, and Ecuador Quakes," *Baltimore Sun*, 13 August 2000.
50. "Border Situation With Ecuador," *Semana, Santa Fe de Bogota*, *FBIS*, FTS19991001001777, 27 September 1999.
51. Larry Rohter, "Ecuador Afraid as a Drug War Heads Its Way," *The New York Times*, 8 January 2001.
52. Juan O. Tamayo, "Ecuador Feels Fallout From Colombia's Narcotics War," o jornal *Miami Herald*, 18 November 2000.
53. "Ecuador Finds Possible Rebel Camp," *Reuters*, 11 January 2001.
54. "Ecuador," *UNHCR*, online: <http://www.unhcr.ch/world/amer/ecuador.htm>.
55. Jahiro Polo, "Police Confirm Shooting at Colombia-Panama Border," *La Prensa* (Panama City), 23 February 2000, *FBIS*, LAP20000223000036. Em "Panama: In the Jaws of War," *Semana* (Santa Fe de Bogotá), 27 September 1999, a presença militar na fronteira era: o Panamá, com 1.500 homens em cinco postos fronteiriços com 1.500 mais chegando como reforço e a Colômbia com 1.500 a 2.000 homens em uma brigada da Marinha e três batalhões.
56. "Panama: In the Jaws of War."
57. Mark Falcoff, *Panama's Canal* (Washington, DC: AEI Press, 1998), 70.
58. "President-Elect, Foreign Minister on Guerrillas's Presence," *ACAN* (Panama City), 3 June 1999, *FBIS*, FTS19990603001293.
59. Angel Sierra, "The Guerrillas in La Miel," *Telemetro Television Network* (Panama City), report series 31 May-2 June 1999, *FBIS*, FTS19990605000011.
60. "Panama," *Country Profiles*, UNHCR, online: <http://www.unhcr.ch/world/amer/panama.htm>, 29 March 1999.
61. "Panama: Some Colombians Return," *Refugee NewsNet*, *UNHCR*, online: <http://www.unhcr.ch/refworld/cgi-bin/newscountry.pl?country=panama.htm>, 29 March 1999.
62. "Panama," *Country Reports*, USCR, online: [www.refugees.org/world/countryrpt/amer\\_carib/panama.htm](http://www.refugees.org/world/countryrpt/amer_carib/panama.htm).
63. Juan Manuel Diaz, "Ports Said Being Used for Arms Trafficking From Central America," *El Panama America*, 16 November 1996, *FBIS*, FTS19961116000234; Goris Armando Gomez, "Panama Investigates Gunrunning at Costa Rican Border," *Panama City La Prensa*, 15 December 1999, *FBIS*, FTS19991215001964.
64. "US Security Assistance to the Andean Region, 2000-2001," Colombia Overview, Center for International Policy, online: [www.ciponline.org/](http://www.ciponline.org/).
65. *Institute for National Strategic Studies, Strategic Assessment 1999* (Washington, DC: *National Defense University*, 1999), 179.
66. Michael Radu, "The Perilous Appraisal of Guerrillas," *Orbis*, Summer 2000, 379.
67. Juan O. Tamayo, "TV Show Gives Colombia's Military a Lift," *Miami Herald*, 12 February 2001.
68. Rohter, "Latest Battleground in Latin Drug War: Brazilian Amazon.
69. *Constitución Política de Colombia 1991 con reforma de 1997*, online: [www.georgetown.edu/LatAmerPolitical/Constitutions/Colombia/colombia.html](http://www.georgetown.edu/LatAmerPolitical/Constitutions/Colombia/colombia.html).

*O Coronel (Res) do Exército dos EUA, William W. Mendel, é analista militar sênior no Escritório de Estudos Militares Estrangeiros no Forte Leavenworth, Kansas. Possui os títulos de bacharel pelo Virginia Military Institute e de mestre pela University of Kansas. Graduou-se pela Kennedy School Program for Senior Officials in National Security, na Universidade de Harvard. É graduado da ECEME dos EUA e da Escola de Guerra do Exército dos EUA. Ao longo de sua carreira militar ocupou uma variedade de posições de comando e estado-maior nos EUA, na Europa, na Coreia e no Vietnã. Ocupou a Cátedra Maxwell B. Taylor da Profissão das Armas, na Escola de Guerra do Exército dos EUA em Carlisle, Pennsylvania. Seu artigo: "Under New Ownership: It's Panama's Canal" foi publicado na edição em inglês de julho-agosto de 2000 da Military Review.*